

O SENTIDO DE SER NO CASO J.U.

Christiane Campos da Silva – Centro Universitário Newton Paiva/BH
Wânier Ribeiro – Orientadora da pesquisa

Resumo

Este trabalho refere-se a um estudo de caso realizado na Clínica de Atendimento Multidisciplinar à Prevenção e ao Tratamento da Toxicomania da Newton Paiva (CAMT), relacionado a um estágio curricular em Psicologia. Trata-se de um adolescente de dezesseis anos, dependente químico e em conflito com a lei. Propõe-se apresentar alguns comprometimentos de seu ser-no-mundo, tendo como eixo norteador a fenomenologia-existencial. Neste sentido, também será apresentado a questão ética referente ao atendimento.

Palavras Chaves: fenomenologia, dependência química, ser-no-mundo

Abstract

This work mentions a study to it of case carried through in the Clinic of Multidisciplinary Attendance to the Prevention and the Treatment of the Drug addiction of Newton Paiva (CAMT), related to a curricular period of training in Psychology. One is about an adolescent of sixteen years, chemical dependent and in conflict with the law. It is considered to present some compromise of its be-in-world, having as guide axle the existencial- phenomenologic. In this direction, also the referring ethical question to the attendance will be presented.

INTRODUÇÃO

Pre-sença é uma abertura que se fecha e, ao se fechar, abre-se para a identidade e diferença na medida e toda vez que o homem se conquista e assume o ofício de ser, quer num encontro, quer num desencontro, com tudo que ele é e não é, que tem e não tem. É esta pre-sença que joga originariamente nosso ser no mundo. Mas ser-no-mundo não quer dizer que o homem se acha no meio da natureza, ao lado de árvores, animais, coisas e outros homens. Ser-no-mundo não é nem um fato nem uma necessidade no nível dos fatos. Ser-no-mundo é uma estrutura de realização. Por sua dinâmica, o homem está sempre superando os limites entre o dentro e o fora. (HEIDEGGER, 1986,p.20)

Este trabalho pretende apontar questões relativas ao caso clínico de um jovem em tratamento de dependência química na CAMT – Clínica de Atendimento Multidisciplinar à Prevenção e ao Tratamento da Toxicomania da Newton Paiva –, tendo como eixo teórico norteador a abordagem fenomenológico-existencial. Propõe-se apresentar alguns comprometimentos do ser-no-mundo de J.U. (serão utilizadas as iniciais do nome do cliente para preservar sua identidade), que foi possível perceber durante sua permanência na clínica, além de abordar a questão ética referente ao atendimento.

J.U., sexo masculino, 16 anos, solteiro, iniciou o tratamento na CAMT dia 25 de outubro de 2004. Seu encaminhamento deu-se pelo Centro de Atendimento a Adolescentes em Conflito com a Lei, onde cumpre medida de internação por homicídio, assalto a mão armada e arrombamento. Anteriormente, cumpriu Medida de Liberdade Assistida, Semi-Liberdade e, agora, encontra-se pela segunda vez no centro de internação de menores.

Retraído e com um vocabulário periférico, o cliente apresenta-se ao setting terapêutico com um relato bastante superficial de suas experiências, permanecendo, na maior parte do atendimento, em silêncio. Relata o início do uso de drogas, aos nove anos, quando pegou o cigarro de

maconha que o irmão mais velho, de 26 anos, guardava em um tijolo, e fumou. Logo após, iniciou o uso de crack.

J.U. possui três irmãs e dois irmãos, mas há cinco anos não conversa com uma das irmãs, que é policial. Durante o atendimento, ele diz que não combina com ela, pois é muito “folgada”. Seus pais são separados. Segundo J.U., o pai faz uso abusivo de álcool. Em seu relato, percebe-se um comprometimento em sua relação com o mesmo. Ele diz que o pai vai visitá-lo no Centro de Internação, mas que costuma ser indiferente a sua visita. Afirma várias vezes não gostar desse pai. Relata uma boa relação com o padrasto e a mãe, de quem ele fala como sendo uma pessoa boa, sempre preocupada com ele, diz gostar de quando ela vai visitá-lo. E o padrasto é, segundo o cliente, um companheiro para passear e ouvir as mesmas músicas, está sempre visitando-o no Centro de Internação.

Durante os atendimentos, percebe-se um afeto positivo e significativo de J.U. em relação a seu irmão mais velho, que, hoje, encontra-se preso em outro município devido ao envolvimento com tráfico e roubo. O cliente relata ter andado sempre junto do irmão, desde pequeno, além de demonstrar grande ansiedade em poder revê-lo. Faz quatro anos que não têm contato.

Abstinente de outras drogas, devido ao cumprimento da medida socioeducativa, J.U. continua com o uso de cigarro, relatando o desejo de abster-se deste consumo, apesar de não implicar-se numa tentativa de redução do uso. Demonstra grande ansiedade, aumentando excessivamente sua alimentação, principalmente o consumo de doces, não interrompendo o uso do cigarro e contradizendo seu relato de que um de seus objetivos seja o emagrecimento.

O cliente vem com frequência aos atendimentos psicológicos; no entanto, percebo que suas ações não correspondem ao que ele pensa e fala, demonstrando incongruência entre a comunicação, pensamento e experiência.

J.U.: UM SER-NO-MUNDO EM CONFLITO COM O EXISTIR

O homem, ao ser lançado no mundo, se constitui como liberdade, é livre para fazer suas escolhas. É a partir daí que se tem a angústia frente ao real e ao futuro, onde se dá o mundo das possibilidades. Muitas vezes, no entanto, o homem deseja fugir de sua liberdade e, conseqüentemente, da sua angústia, assumindo-se no mundo como não-liberdade, quer seja consciente ou inconsciente. Nesse contexto, J.U. vivencia uma “queda objetiva”, pois “transfere” para um objeto, em seu caso, a droga, o seu projeto de existir, buscando nela segurança e alívio, e marcando, desta maneira, uma “existência inautêntica” (HEIDEGGER,1997). Há, neste caso, falta de contato com a interioridade, ou seja, de reflexão de si para consigo mesmo.

A própria fase que J.U. vivencia, a adolescência, remete-o a descobertas e reelaborações de seu próprio eu que o colocam frente a conflitos e expectativas. Segundo SANTOS (2000,p.310), parece que escolher e ser responsável é algo muito difícil para os adolescentes à medida que a liberdade frente às escolhas é experimentada como sofrimento. É este sofrimento que eles querem aliviar a partir do consumo de objetos e novas experiências. Esta ideologia do consumo traz em seu bojo a idéia de felicidade; no entanto, é efêmera, artificial e ilusória, fazendo com que os adolescentes, como J.U., se percam cada vez mais na impropriedade de si mesmos.

Percebe-se nos atendimentos o comprometimento em Eigenwelt, ou seja, em seu “mundo próprio”, na relação que ele estabelece consigo mesmo. Ao negar a angústia, há uma dificuldade do cliente de compreender a si mesmo. Durante um dos atendimentos, J.U. relata: [“A maioria das coisas que aconteceram na minha vida foram ruins. E de coisas ruins eu não vou falar.”] O silêncio durante a maior parte das sessões aparece como uma tentativa de J.U. esconder-se de si mesmo, negando, conseqüentemente, qualquer possibilidade de mudança, uma vez que ele evita refletir sobre si.

Como J.U. encontra-se abstinente do uso de drogas, vivencia a angústia, frente à presença da liberdade de ser (porém querendo negá-la) e acaba por levar seu corpo a se pronunciar. A resposta do corpo aparece sob a forma de uma irritabilidade muito intensa com os profissionais e demais integrantes do Centro de Internação, um nervosismo à flor da pele, além de uma compulsão alimentar que surge como algo para preencher um vazio, um vazio de sentido. Um vazio, que antes era a droga, a eleita por ele, a preencher.

Segundo Merleau-Ponty, citado por Almeida (2002,p.107), o corpo é antes de tudo “corpo vivido” e dimensão de sua própria existência. Assim é que pode-se dizer: “tenho consciência de meu corpo através de meu mundo” e “tenho consciência de meu mundo através de meu corpo”. O que J.U. traz é exatamente um discurso-no-corpo. Percebe-se que o cliente tenta lidar com as questões objetivas, aquelas que permitem ordenar o mundo, mas quando tem de colocar sua subjetividade em algo, confunde-se. Por exemplo, ele diz de seu desejo de emagrecer mas não consegue abster-se de uma alimentação exagerada, que só poderia aumentar-lhe o peso. Quando tem que defrontar-se com situações que rompem com suas redes de comando, entra em pânico, se desorienta. Por meio do corpo ele se mostra, expressando sua angústia de vazio do existir e, então, preenche-se, seja pela compulsão alimentar, seja pelo excesso de brincos fincados em suas orelhas (possui mais de dez brincos em cada orelha). Ainda segundo Almeida (2002,p.107), o existir é um existo-corpo; já que todo sentido é um sentido-sentido do corpo, pois eu não existo e tenho um corpo que está ao meu lado, nem tenho um corpo para existir. Eu existo-corpo, sem dicotomias ou dualidade nesse existir. Assim, o corpo sendo o meio permanente de “tomar atitudes”, é também um meio de comunicar-se no tempo e no espaço.

Nesse sentido, o cliente denota dificuldade em lidar com o mundo circundante (Umwelt), ou seja, o mundo do qual fazem parte nosso próprio corpo e as regras/leis impostas. Sua adaptação ao próprio corpo e leis dadas pelas convenções sociais é precária, demarcando grande necessidade de transpor os limites e divergir deles. Pode-se perceber, também, comprometimentos em seus relacionamentos pessoais. Há dificuldades na relação com o pai e com a irmã, que é policial, duas pessoas que representam a figura da lei. E o que ele faz em sua vida é, justamente, estar sempre burlando a lei, por isso ignora o pai e a irmã. Assim, o que se percebe é uma grande identificação com o irmão que está preso e com seus “parceiros”, pessoas que se encontram na mesma situação que a sua: a criminalidade. Pessoas que infringem a lei e estão envolvidas com drogas, numa realidade que condiz com a que ele vive.

Segundo Heidegger (1986,p.72), o mundo é sempre um mundo compartilhado com os outros. O existir é originalmente ser-com-o-outro. Os seres humanos possuem potencialidades que lhes são próprias (amor, liberdade, responsabilidade) e, como ser-no-mundo, só podem atualizá-las quando se encontram e entram em relação com o outro; é o mundo humano (Mitwelt). Percebe-se que as relações de J.U. são bastante superficiais: assim como no setting terapêutico ele relata suas experiências com pouca profundidade, mantendo-se na maior parte do tempo em silêncio, sua relação com seus “parceiros” só ocorrem em relação à criminalidade; nota-se que não há um vínculo afetivo maior. Na relação com a mãe, vê-se o mesmo. Ele fala de uma preocupação com ela, de gostar que vá visitá-lo, mas percebe-se que não há um vínculo afetivo. Tal superficialidade nas relações acaba por impossibilitar a atualização de suas potencialidades. À medida que mantém tais relações, ele evita a angústia de encontrar consigo mesmo, visto que os outros são aqueles dos quais a gente não se distingue e entre os quais se encontra também. Desta forma, J.U. demonstra o seu *eigenwelt* comprometido, à medida que se fecha ao mundo e aos outros, restringindo a sua autocompreensão e, conseqüentemente, a liberdade de existir de forma significativa (saudável).

A temporalidade, sentido originário do existir, está comprometida. Segundo Heidegger (1997,p.42), o homem está entretecido no tempo. Ele vivencia o tempo como uma totalidade que consiste num presente, passado e futuro. O homem experiencia seu existir como um fluxo contínuo, em que a vivência temporal norteia-se de acordo com um registro de significações que dela se desprende e que também se modifica. J.U. relata projetos para o futuro: quer sair da criminalidade, estudar e trabalhar, mas não há uma implicação pessoal para a realização disso. Relacionado a esta questão, não se pode deixar de trazer à tona o seu contexto socioeconômico de desprivilegio, que restringe suas possibilidades de mudança. J.U. diz querer esquecer o passado, o que o impede de reelaborá-lo. Desta forma, vivencia o tempo de forma circular, ou seja, há uma repetição dos conteúdos que já foram vividos. Ele mantém-se na criminalidade, apesar de não querer estar nesta situação, alimenta-se compulsivamente e deseja emagrecer. Pode-se, desta maneira, observar uma discrepância entre o eu-real e o eu-ideal, ou seja, como afirma Erthal (1999,p.62), a maneira como o indivíduo encara suas capacidades, status e papéis atuais (eu-real) pode não condizer com o que de fato ele gostaria de ser (eu-ideal). Tem-se como exemplo um de seus relatos: [“Um homem precisava fazer uma sopa para alimentar sua filha,

mas não tinha gás; então fui ao armazém, armado, e roubei um gás”.] Ele busca ser “bom” como algo que lhe é ideal, mas não vê outras possibilidades a não ser o roubo (o delito) para solucionar os seus problemas, marcando a sua dificuldade em lidar com as reais condições de seu contexto.

ÉTICA NO ATENDIMENTO

Segundo PEGORARO (2000:35), citando Agostinho: “o ser humano é uma tríplice distensão temporal: pela memória, ele é o presente de seu passado; pelas suas expectativas, ele já vive no seu presente o seu futuro; e hoje, está mergulhado nas situações e circunstâncias cotidianas.” Com isso, pode-se dizer que o ser humano não é uma essência dada e acabada, mas uma existência que se constrói e se conquista cada dia ao longo da história. Como ser temporal, a existência humana é um processo de acontecer, aberto ao futuro.

Pode-se dizer assim, que esta base temporal da existência é também a base da ética existencial. Uma ética que não se apresenta como um conceito de princípios a-temporais, estabelecidos de forma definitiva, mas seria uma ética em constante transformação, fundada num conceito de movimento do ser humano e que acontece com o fluir da vida. Nesta perspectiva, o núcleo da ética é a pessoa como relação.

Na relação psicoterápica a ética existencial também apresenta-se como uma realidade viva e evolutiva. Apresenta-se, ali, duas pessoas face a face, uma intersubjetividade ativa envolvendo duas existências, dois mundos, dois horizontes que se interpenetram. Ambos, cliente e terapeuta, trazem consigo razões, conceitos, explicações, teorias. Ambos trazem o horizonte existencial produtor de sentido. E é nesta relação aberta, construída dia a dia que se estabelece uma ética sob forma de confiança e respeito. Sustenta-se, contudo, que a ética existencial é construída novamente a cada dia em circunstâncias novas. Percebe-se isto nos atendimentos de J.U. onde foram criadas várias estratégias que permitissem uma relação sempre dinâmica, progressiva e evolutiva entre terapeuta e cliente, sem perder a ética de rumo. É preciso ressaltar que por se tratar de um adolescente em conflito com a lei, fez-se necessário atendimentos pouco convencionais, não havendo espaço para uma aplicação pura e simples de técnicas ou teorias, mas um trabalho que incluía pinturas, desenhos, músicas, entre outros e que fizessem parte de sua realidade.

E é neste tecer ético de cada dia que foi possível a abertura para a evolução nos atendimentos de J.U. Uma ética que inventa-se, que descobre-se sempre de novo. Uma ética que é sempre uma relação com alguém.

APONTAMENTOS FINAIS:

Segundo Heidegger, citado por Giordani (1976,p.80), muitas vezes, sentimo-nos no mundo como um ser lançado aí, abandonados à nossa sorte entre os demais existentes. Estamos aí, sem sabermos de onde ou para onde. Durante os atendimentos, percebe-se, a partir dos conflitos relativos à temporalidade, às figuras parentais, à afetividade, ao próprio corpo e às leis, a estranheza de J.U. em relação ao seu próprio existir e como lhe é difícil vivenciar tais questões, remetendo-se a uma vivência inautêntica.

J.U. cumpriu a medida socioeducativa e se desligou do Centro de Internação há quatro meses, com a proposta de continuar em tratamento na CAMT. Não compareceu a nenhum atendimento marcado. Há mais ou menos um mês tive conhecimento, pelo Jornal Estado de Minas, de que foi assassinado pela gangue com que se envolvera no passado. Assim, despeço-me de J.U. por aqui, não sem alguma nostalgia, mas com a certeza de que, no decorrer de nosso existir, caminhamos, a cada dia, para viver mais plenamente, assim como para morrer mais proximamente. Que as palavras ditas neste artigo sirvam para trazer a existência de J.U. à presença de cada leitor.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Danillo Di Manno de. *Corpo e Existência: contra um duplo esquecimento dos corpos*. In: *Existência e saúde*. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2002. p.107

AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ERIKSON, Erik H. *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. Uma abordagem existencial em psicoterapia. In: *Auto-imagem ou projeto original: possibilidades e limitações da mudança*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

FEIJOO, Ana Maria L. Calvo de. *A prática da psicoterapia*. São Paulo: Pioneira, 1999.

FEIJOO, Ana Maria L. Calvo de. *A escuta e a fala em psicoterapia – uma proposta fenomenológico-existencial*. São Paulo: Psico-Pedagógica Vetor, 2000.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. *Psicologia fenomenológica – fundamentos, métodos e pesquisas*. São Paulo: Pioneira, 1997.

GIORDANI, Mario Curtis. *Iniciação ao existencialismo*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1976.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo – parte I*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MAY, Rollo. *A descoberta do ser*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

PEGORARO, Olinto A. *Ética e sentido da existência*. In: *Fenomenologia e análise do existir/* organizado por Dagmar Silva Pinto de Castro et. al.- São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Sobraphe, 2000. p.33-40.

SANTOS, João Laurentino dos. *O duelo entre ser e ter: uma aproximação do sentido da dependência de drogas na adolescência*. In: *Fenomenologia e análise do existir/* organizado por Dagmar Silva Pinto de Castro et. al.- São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Sobraphe, 2000. p.309-326.